

ALONGANDO O DIA

Pseudônimo: FRITZ NELLYTITO

Marcos Áureo Luiz
FAC. DE LETRAS

E é assim que a gente fica em tarde de tanajura. É um não acabar que se encerra nunca, nunquinha e tudo fica doce. Docinho como o anil do céu chamando a abelha mãe pra fazer nova colméia a tempo e hora.

Aí que eu sequei. Que esturriquei num fechar do olho e tremadura de perna. Um estupor de estarrafazer-se em dois e três e mais e mais.

Fiquei ali quietinho. Quentinho no bem bom de mesmar sem dar tento de gente ou bicho, que já não diferia de dar nas vistas. Se menino, se bicho, sei lá eu, que não posso parar para respirar que a tarde finda e eu perco o sol de vez - não adianta teimar, que hoje alongo o dia a mais não poder.

Sei que parece esquisito mas é verdade verdadeira, dessas que a gente teme de contar de contar que é pro povo não ficar comentando, incomodando a gente com conversas e histórias de desinteresse - posso alongar o dia. Mas só nos dias que posso.

Sei que é dia quando o sol vai amorenando e me dá aquela saudade de nada, infinda e bonita. Água vem pros olhos e quedo na cadeira de balanço sonhando tempo passado e o tempo não passa e tudo fica bonito. A passarinhada fica assanhada e vejo que é tarde de revoada de formiga e de menino comer farofa. É bem nessa hora incerta que vem a vontade do pôr-do-sol glorioso, esticado e alongado, chamando olho de distraído e apaixonado, de gente e bicho, coisa coisa. O sol, o sol o sol dá de falar a toda gente, toda cria e toda planta. Tudo cala e o sol reina.

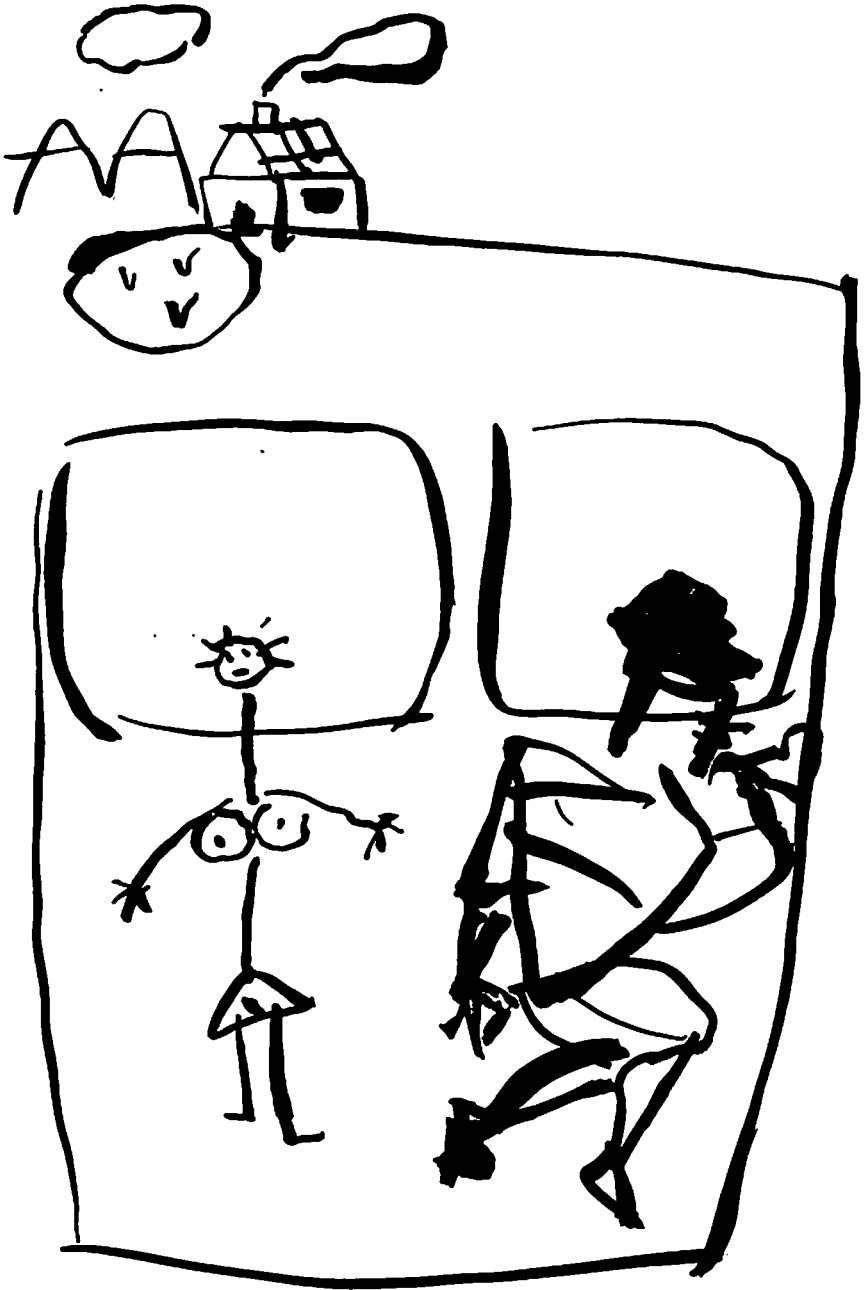
Só eu que sei e guardo segredo de ter feito a vontade que todo

mundo tinha de botar o sol na cama cantando de ninar. Baixinho, espichadinho e o mundo todo dourado e prateando de feliz. Felicidade curta, pequena e boa que eu seguro e calo. Porque sei que faço, não sei quando ou como. Mas todo mundo acha bom e bonito e fica feliz e eu também ficarei, depois, quando voltar a respirar. Porque tem disso: alongo o dia e fico sem respirar, num sei quanto agüento, mas é bom "eh Pagu eh, que é bom de fazer doer". E o povo fica emocionado e as meninas moças mais chorosas trazem lenço de cheiro debaixo dos olhos e os cabras mais brabos arrumam fungação de gripe e todo mundo faz que acredita. E vem algum que quer me acordar pra ver o que sei que tô vendo de olho fechado e respiração sumida, sem tento de som e movimento que a concentração é tanta e muita e basta de todo eu.

Vem um nem sei quê menino, mulher, filho ou neto, querer me querendo em casa, da janela vendo o doirado, dourado, no douramento de findar o dia, que se arrasta mas não finda e a noite atrasa e tudo pára. Todos param à hora mágica. O sol morre-não-morre, lutando, danado de bonito vermelhando, ruborescendo e rubicundo, num querer ir sem poder sair. E eu teimando, esticando o tempo e o dia junto, não acabando nunca, nem respirando nunca e o sol no nunca acabar entristecendo a tarde, langorescendo mundo, esplendorando brasa. Portentoso.

Fiquei com dó mas teimei, insisti mesmo não querendo mais, querendo deixar ele ir-se embora em paz. Mesmo vendo os passarim todo, toda espécie aturdida, atabalhoada na noite que num chega de tão tarde e sol se queimando ardendo de pegar nos olhos, os raios me pedindo clemência e descanso. Penei dele coltadinho, que o galo véio acordou cedinho. Pertei mais os olhos e vi, nunca vi tanta tristura e desesperança junta. Lindo. Lindinho. Lindão.

Num güentei, esmoreci. Ele se foi. Carpendiei. Anoiteci.



Geraldo Breno Rodrigues Amaral